

PARA BOM PROVEDOR UMA PLATAFORMA MOODLE BASTA: ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS VIRTUAIS NA FORMAÇÃO EM EAD

Debora Gaspar Soaresⁱ

Mestrando em Geografia
Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Resumo

Esse estudo investiga os fatores desumanizantes presentes na construção de territórios virtuais na formação em EaD. A abordagem de implicação de pesquisa foi utilizada como metodologia nas análises dos processos de construção de territórios virtuais na formação em EaD. A investigação abrange dois grupos de intervenientes em diferentes níveis de ensino: Educação Superior e Nível de Especialização *Strictu Sensu*. O objetivo desse trabalho foi identificar os fatores desumanizantes presentes na construção de territórios virtuais na formação em EaD, relatando as interações locais que podem envolver agentes econômicos e agentes de conhecimento. O resultado parcialmente avistado com esse trabalho foi o de revelar que o uso de recursos inovativos submerso no espaço territorial em formação EaD, nas relações de poder geograficamente sistematizadas pelas perspectivas neoliberais, exigirem o ônus da multifuncionalidade do professor e a desvalorização humana da docência.

Palavras-chave: territórios virtuais, cotidiano, formação para o trabalho.

**FOR A GOOD PROVIDER, A MOODLE PLATFORM IS
ENOUGH: A SUDY ON THE CONSTRUCTION OF VIR-
TUAL TERRITORIES IN E-LEARNING FORMATION**

Abstract

This study investigates the dehumanizing factors present in the construction of virtual territories in distance education. The research implication approach was used as a methodology in the analysis of the processes of virtual territory construction in distance education. The research covers two groups of stakeholders at different levels of education: Higher Education and *Strictu sensu* specialization level. The objective of this work was to identify the dehumanizing factors presente in the construction of virtual territories in distance education, reporting local

ⁱ *Endereço institucional:* Rodovia BR 465, Km 07, s/n Zona Rural, Seropédica – RJ, CEP: 23890-000. *Endereço eletrônico:* deboragiras-sol@gmail.com

interactions that may involve economic agentes and knowledge agentes. The result partially seen with this work was to reveal that the use of innovative resources submerged in the territorial space under formation in distance education, in the power relations geographically systematized by neoliberal perspectives, demand the burden of teacher multifunctionality and the human devaluation of teaching.

Keywords: virtual territories, daily life, training for work.

1. Introdução

Estar no século XXI representa um cotidiano imerso no uso da inovação, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia abrange diversos aspectos do nosso espaço social, muito além da educação, da formação para o trabalho, e da jornada de trabalho. Nesse âmbito, advém a precarização do professor, que acontece do decurso de reformulação da jornada de trabalho, correlacionando as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação com a flexibilização do trabalho docente. Por consequência, o exercício docente produzido é simplista em relação ao tempo, como uma vídeo-aula ser considerada atemporal; demanda de aumento da produção laboral; valorização da qualificação; exigência de eficiência e descaracterização de funções como: professor, coordenador, tutor, e secretário assumidos pelo mesmo trabalhador; privação de direitos trabalhistas e carência de ofícios abalizados como prescindíveis, consoante a Lopes (1976, p.88) que expressa: “sempre com uma remota esperança na ação do governo, na ação das leis – segundo um cozinheiro, o pessoal diz que o operário nasce na caridade (ri), se cria na fé e morre na esperança (ri solto); e todo mundo tem essa esperança de melhorar e morre sem nada, com a esperança.” Nesse caso, há uma intensificação do expediente laboral do professor com o uso de recursos inovativos, já que agrega novas incumbências a prática docente e com isso a expansão do tempo de trabalho, segundo Harvey (2005, p.137): “a produção de ciência e tecnologia, e o provimento de infra-estruturas sociais de educação, [...], definem áreas em que o tempo de gestação dos projetos é longo, e o retorno dos benefícios (se houver) demora muitos anos.”

Perante essa conjuntura, sucedeu-se uma investigação etnográfica com o objetivo de compreender os contextos nos quais a autonomia política é construída,

experimentada, pensada, e convertida em ações na EaD. Nesse caso investigou-se os sentidos da jornada de trabalho para professores de Matemática da EaD do curso de Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional (PROFMAT), suas atuais características, suas vivências, sua precarização concernente as condições de trabalho, sua identidade, pertencimento, reconhecimento de seu espaço, do seu tempo, sua temporalidade e dos seus vínculos através das suas experiências mediadas pelos recursos inovativos. Isto posto, esse artigo discute apenas parte desses resultados, e questiona os critérios do Sistema Nacional de Inovação, que é o principal agente de fomento, dos seus indicadores de conhecimento e de inovação para essa formação docente.

1.1. Para além da fenda na temporalidade: Análise do regime de institucionalização da EaD no CEDERJ e no PROFMAT.

O lançamento do CEDERJ como consórcio entre Universidades Federais e Estaduais em 2005 e a continuidade do programa de expansão sistemática da rede federal de ensino profissional e de aperfeiçoamento do ensino superior propiciou o início do PROFMAT em 2011, que foi formado por uma rede de instituições de ensino superior, e coordenado pela SBM que integra o IMPA, foi uma disposição do Governo Federal com o apoio, estímulo, difusão e a avaliação da CAPES de fomento à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo, e como política pública de Educação foi idealizada como recurso para o desenvolvimento local e regional do País. LEI Nº 10.973, DE 2 DE DEZEMBRO DE 2004 : Art. 1º “Esta Lei estabelece medidas de incentivo à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo, com vistas à capacitação tecnológica, ao alcance da autonomia tecnológica e ao desenvolvimento do sistema produtivo nacional e regional do País.” Essa lei orienta e dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo e dá outras providências. Como política pública de Educação foi idealizada pensando na formação e qualificação profissional para desenvolvimento territorial e como ideologia empreendedora na educação para atender a economia local e regional das localidades dos polos.

Para além do horizonte de agência de fomento: órgão ou instituição de natureza pública ou privada que tenha entre os seus objetivos o financiamento de ações que visem a estimular e promover o desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação. Encontra-se a Universidade que já possui autonomia para que o uso de recursos inovativos seja para o desenvolvimento humano, nesse espaço, fundamentalmente, há a experiência de discussões sobre desigualdades socioeconômicas, e pode ser sobre as alteridades socioinovadoras e sociotecnológicas. A Universidade é o espaço da promoção da ciência, mais acima de ensino conteúdista promove vivências e isso permite que o aluno possa dialogar sobre a sua realidade. O fomento da formação em Educação a Distância, e consecutiva construção de territórios virtuais na Universidade não deve dirimir e tão pouco refutar a autonomia universitária pela ideologia empreendedora e pelo mercantilismo do capital. Para finalizar, acho importante destacar uma provocação de Gomez e Botelho (2019) para esse debate sobre construção de territórios virtuais na formação em Educação a Distância: “a falsificação tecno-ideológica, misturada à incapacidade de refletir sobre os processos sociais mais amplos, salta aos olhos.” (GOMEZ E BOTELHO, 2019, p.157). O que os teóricos afirmam é que a ideologia empreendedora se faz presente na sociedade tecnológica tanto na educação quanto nas questões socioambientais, mas no contexto da construção de territórios virtuais para a formação em Educação a Distância esse positivismo da ciência como promessa ideológica de segurança social, de solução para as desigualdades sociais, precisa ser repensado especialmente nos seus limites, o conhecimento que não é imediatamente útil não pode fazer parte das relações mercantis do mercado.

1.2.A prática faz o mestre. Uma visão etnográfica da jornada de trabalho na EaD de Professores de Matemática.

O exercício de uma atividade como trabalho, caracteriza quem é o artífice. Consequentemente, a complexidade desse estudo está na incoerência da qualificação de professores de Matemática convergir para a precarização da docência, pelo uso de recursos inovativos imbuídos das concepções neoliberais exigirem o ônus da

multifuncionalidade do professor e a supressão da sua autonomia política. Nessa conjuntura, as interações professor-aluno serem mediadas pela utilização de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação altera as relações construídas entre professor e aluno, como também a sua manifestação ou existência como indivíduo do trabalho docente, de acordo com Mintz (2010, p.52): “agora, lembro deste trabalho com prazer. A aquisição de competência faz parte do crescer. E conhecer a fundo uma tarefa física pode fazer parte de se tornar adulto.”

Em vista do que foi debatido, a flexibilização da jornada de trabalho propiciou mudanças que impactaram diversas parcelas sociais, mas na educação essa juntamente com o uso da inovação prefigura a ampliação de especialização para formação de professores. Nesse contexto, esse artigo reflete sobre como é essa prática docente na formação EaD, já que a formação de professores de Matemática na EaD compreende tanto o território virtual e suas articulações socioespaciais, tanto a formação em Rede Nacional e a sociedade em rede, tanto a conformação da rede e a articulação entre o polo e as cidades dos alunos, quanto o fluxo de informações e as contiguidades que perfazem e possibilitam a aprendizagem na educação. Para ponderar sobre esse impacto da inovação na educação Heller (1985, p.1) esclarece: “essas “circunstâncias” determinadas, nas quais os homens formulam finalidades, são as relações e situações sócio-humanas, as próprias relações e situações humanas mediatizadas pelas, coisas. No exercício cumpridor das alterações que a inovação coaduna com o espaço social, com as relações de produção, e com o entendimento de mais valia há uma variedade de teóricos que sobreleva esse debate (Marx, 1983; Mintz, 2010; Leite Lopes, 1976; Benites, 2017; Cioccarì, 2016; Ingold, 1986, Hoggart, 1973; Bertaux, 2010; Pollak, 1989; Carriço, 2017; Leão, 2017, Silva, 2016, entre outros), dentre outras bibliografias pertinentes para o desenvolvimento desse trabalho.

2. Metodologia

Essa análise consiste em um estudo qualitativo, em conformidade com Bertaux (2010, p.12): “o interesse das narrativas de vida, quando as coletamos nessa perspectiva, é que elas constituem um método que permite estudar a ação durante o seu curso”, viabiliza maior entendimento sobre os processos por meio dos quais os

sujeitos dão sentido e significados às coisas cotidianas, nesse caso esse estudo propõem capturar a perspectiva, o processo de viver, o aprimoramento com o correr do tempo, a prática experienciada, a visão dos entrevistados sobre o conteúdo pesquisado.

Para realizar esse estudo etnográfico sobre as alterações que a inovação coaduna com o espaço social na educação assinalando a fragmentação da vida na formação para o trabalho: autoformação e autovalorização, como também no saber/conhecimento do curso de Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional (PROFMAT), a metodologia utilizada está descrita no seguinte quadro.

Objetivo	Metodologia
Analisar as interações locais	Identificar os envolvidos: Professores, Tutores, Coordenador do polo, funcionários e alunos da Instituição
Caracterizar o ritmo dessa interações locais	Destacar a jornada de trabalho na EaD versus a presencial
Descrever a relação e às características desses atores-chave,	Estudo de entrevistas reescritas, de diários de campo e da minha experiência como professora de Matemática
Relacionar a jornada de trabalho dos agentes de conhecimento com a formação em EaD	Observar os critérios de avaliação de produtividade do Sistema Nacional de Inovação utilizados pela CAPES.

O principal instrumento para o levantamento de informações foi o uso dessas entrevistas que foram realizadas na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, elas aconteceram entre junho a agosto de 2018, com 3 professores do ICE (Instituto de Ciências Exatas) que são membros do DEMAT (Departamento de Matemática da UFRRJ), essas que possibilitaram uma interação do ponto de vista das práticas produtivas, da ação cooperativa e das fontes de informação e conhecimento para inova-

ção, respeitantes às características dessa amostra de estudo. A escolha desses professores foi determinada pela sua reputação profissional ser de *highest performance*, diligência, excelência, idoneidade e acessibilidade, dos quais alguns foram meus professores de graduação e colegas de trabalho no DEMAT. Professor(a) X (ex-coordenador(a) do PROFMAT, responsável pela admissão do programa na UFRRJ), Professor(a) Y (ex vice-coordenador(a) do PROFMAT, responsável pela admissão do programa na UFRRJ, coordenador(a) do PROFMAT), Professora Z (professor(a) de matemática do modelo presencial), Eu, Débora Soares (ex-tutora do LANTE-UFF, ex-professora do DEMAT, ex-aluna do CEDERJ, aluna da UFRRJ.). Em continuidade, são expostos e debatidos os resultados a partir do estudo desse conjunto de entrevistas, com alguns exemplos de preleção dos partícipes, com o desígnio de desenredar o tema proposto.

3. Resultados e Discussão

Com o intuito de erigir um relato das vivências docentes dos entrevistados, remeti o estudo das entrevistas e dos diários de campo em liame ao referencial conceitual e a um detalhamento analítico, buscando compreender os valores que mobilizam e possibilitam a autonomia política na prática docente. Para exortar esse detalhamento analítico sustive-me em três núcleos de análise: os requisitos materiais para a formação em Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional (PROFMAT); a temporalidade na dimensão do cotidiano dos entrevistados; e o tempo de produção desses professores, em consonância com Bertaux (2010, p.53): “não podemos compreender as ações de um sujeito, nem a própria produção dos sujeitos, se ignorarmos tudo sobre os grupos dos quais ele/ela fez parte em algum momento de sua existência.”

Acerca da formação em Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional (PROFMAT) ser uma especialização a Distância, e ao tipo de modificações com o ensino presencial, é latente observar distintas considerações. Os professores inseridos no programa de pós-graduação salientaram a necessidade de produção científica, e a pressão para o cumprimento do prazo: do exame de qualificação, da

publicação de artigos e que satisfeita essa rigidez concede-se o selo ao diploma. Ademais, os docentes enfatizaram maioritariamente ter que conciliar as aulas da graduação com as aulas do programa, as atividades de Coordenação e as atividades de docência, a fragilidade da função do Tutor sem a vinculação do seu trabalho, não ter uma secretária para o programa, o uso da plataforma Moodle apenas para utilização dos materiais didáticos (vídeo aulas que não são atualizadas periodicamente, listas de exercícios, notas de aula), não formar os alunos professores de matemática para utilizar softwares educacionais nas aulas, apenas um encontro presencial com os alunos durante a semana, a participação em diferentes reuniões e em outras atividades extraclasse, de acordo com: a Leite Lopes (1976, p.8): “os detentores dessa força de trabalho, os operários “em carne e osso”, reinterpretem essa organização da produção em função dos seus interesses”; e a Taussig (2010, p.153): “as pessoas agem como agem porque pertencem à sociedade, e a percepção que possuem quanto a essa relação é tão essencial quanto suas necessidades materiais.” Os interlocutores narraram particularidades da atividade docente na EaD relacionando sua experiência no modelo presencial. De acordo com o Professor(a) X:

“no início é sempre novo para gente, não me via em condições de dar aula, era coordenador(a) e era secretário(a) (ele(a) abaixou levemente a cabeça e olhou para as mãos). [...]Eu prefiro trabalhar com o ensino presencial, prefiro cara a cara, com a tecnologia não é tão necessária à presença do professor. Acho que a troca favorece o ensino-aprendizagem dos dois (ele(a) olha concentrado para mim), [...]. Olha para a gente aqui, a gente está pensando em repensar essa figura do tutor, porque ultimamente ele está sendo pouco utilizado, é, então isso, até porque os alunos também estão utilizando pouco esse ensino a distância, na realidade, aliás, ou seja, ele usa, mas ele está estudando isso, estudando de forma mais individualizada, mais de cunho entre eles mesmos, e acaba que o tutor está sendo pouco utilizado.”

Em conformidade com a Professor(a) Y:

“O que aconteceu com o PROFMAT, posso dizer com propriedade porque estou aqui desde o início. É, a coordenação nacional, o máximo que ela fez no início, foi fazer um tutorial de como usar a plataforma Moodle, de como fazer as edições e tudo mais, isso muito no início [...]. Enfim, o que aconteceu à medida que o tempo foi passando, como o PROFMAT tem um caráter semipresencial, é, o que a gente viu no programa é que a função do tutor, acabou, é quase tendo uma função presencial mesmo. Com a plataforma, ela está sendo, assim, mais utilizada para fins do aluno consultar uma vídeo-aula, pegar um material, uma lista de exercícios, mas não está sendo usada para tirar dúvidas, os alunos estão preferindo tirar dúvidas com o tutor e o professor pessoalmente. Hoje em dia o tutor está mais com uma função de auxiliar o professor.”

Se bem que a Professor(a) Z:

“Minha experiência com EaD é nenhuma. Infelizmente, não faço uso de recursos inovativos, até gostaria muito, mas tudo depende do professor. [...] Então, a gente está sempre dentro do curso de Licenciatura em matemática, ou do Bacharelado em matemática, ou da Matemática aplicada do curso do qual é o meu departamento, não é?! Sempre atendendo muitas pessoas carentes e, eh, isso é um fator que na minha opinião diferencia a universidade Rural, porque isso é histórico, isso é anterior as cotas, não é?! A gente já tinha uma pesquisa feita aqui em épocas anteriores a implementação das cotas raciais, etc. Mas, a gente tem um, havia uma pesquisa que a universidade federal, atendia prioritariamente alunos de ensino público, entendeu?!(ele(a) se virou e olhou para sua mesa) Então assim, a gente convive com essas carências e por isso que eu digo: “sala de aula de aula que eu entro é um aprendizado diferente”, por isso ficam marcantes, porque você conversa com aquelas pessoas, você tem essa troca.”

Já a minha experiência com a EaD se mistura pois fui aluna, tutora, e como professora já usei software em educação matemática. Como aluna do CEDERJ fiquei desestimulada em usar o fórum de dúvidas por causa da precariedade e demora para responder as minhas perguntas. Nunca usei a tutoria por telefone. A tutoria presencial é apenas para as disciplinas iniciais do curso, participei de algumas. Sempre tirava as dúvidas com os colegas, e o estudo era totalmente individual. Como tutora da UFF podia utilizar alguns dos recursos da plataforma Moodle, como enviar outras bibliografias relacionadas ao tema, a disciplina já era toda planejada pelo professor e pela coordenação, minha função era acompanhar o aprendizado dos alunos, era como caminhar junto, tinha que estudar tudo para acompanhar eles, sempre destacando os pontos principais do tema nas vídeo-aulas, leituras disponibilizadas, além do material que foi elaborado para disciplina, precisava motivar toda semana a participação dos alunos, fiz até uma paródia da música: Fico assim sem você da Adriana Calcanhoto, os alunos acharam divertido, avaliava as tarefas e a participação nos fóruns. Como professora de matemática, eu e uma colega da especialização chamada Ana, elaboramos uma oficina para apresentar os números irracionais para alunos do 8º ano, foi realizada em 2010 no laboratório de uma Escola particular, com computadores, quadro interativo, utilizamos o software Régua e Compasso, calculadora, apresentação de vídeo, e uma dinâmica com os alunos para falar sobre o Paradoxo de Zenão, foi boa a experiência.

Nessa perspectiva, a jornada de trabalho do professor de EaD se distingue em vários aspectos como: a introdução a Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, uma flexibilização do horário que envolvem atividades que extrapolam a carga horária formal, a multifuncionalidade, a demanda por produtividade, são as principais condições de prolongamento e intensificação do tempo de trabalho. Na fala dos professores o tempo de trabalho é especial para a preparação da aula, portanto uma exorbitante carga de trabalho que invade, que ocupa, e que muitas vezes rechaça as horas destinadas ao lazer, e outros instantes vitais aflora e desabrocha a movimentação temporal da atividade docente determinada pelo capital, da sensação e da experiência do professor do seu tempo de trabalho em razão de se caracterizar intrinsecamente em o capital angariar sua mais valia, consoante com: a Clastres (1978, p.135): “ a tecnologia na nossa sociedade existe para produzir mais, para criar o excedente”; a Leite Lopes (, p.8): “a dominação está própria ao modo de produção capitalista, que penetra e preenche todos os pontos da esfera de produção e se manifesta a cada operação produtiva dos produtores diretos”; e a Marx (1983, p.427): “o capital transgride não apenas os limites morais da jornada de trabalho, mas também seus limites puramente físicos.” Esses professores versados relataram certas particularidades do seu tempo de trabalho conforme o Professor(a) X:

“acho que aqui, principalmente quem aqui trabalha no PROFMAT acaba trabalhando bastante, porque a própria carga horária da graduação já é elevada, e aí quem está lá no mestrado, ele não tem jeito, ele tem que trabalhar um pouco mais, as vezes não consegue, por mais que seja semipresencial, as orientações perdem bastante tempo, porque você por mais que não esteja presencialmente, você tem que estar ali lendo junto com o aluno, corrigindo o trabalho dele, então todo período sempre vai ter, o final do período do aluno é as vezes um pouco mais puxado, não é?! [...], o ideal seria que a gente não trabalhasse final de semana, mas ultimamente, acho que ando tentando não trabalhar, mas, várias vezes, você vê que está com alguma coisa acumulada, você não consegue, você acaba tendo que trabalhar sábado e domingo.”

Nesse entendimento a Professor(a) Y afirma:

“Primeiramente, quero colocar para você que o PROFMAT, que ele não é a distância, ele é semipresencial. Então, existe o momento presencial, o momento presencial é toda sexta-feira, o dia inteiro, só que é, bom, a minha vida como coordenador(a) do PROFMAT, ela se mistura com a minha vida como professor(a) na universidade. Então, não tem assim, eu não faço um cálculo correto de quantas horas eu me dedico ao PROFMAT e quantas horas eu me dedico como professora de graduação, porque é tudo junto e misturado. [...] Então, (somos interrompidas pelo Daniel querendo ser

amamentado), eu tenho 3 sistemas para alimentar, que é o da Sucupira da CAPES, o do PROFMAT e o daqui da Pós-Graduação que é o SIGAA. Não tenho secretaria, então, eu também, eventualmente, eu envio declaração para um aluno, tenho que fazer ata das reuniões, aí sabe Deus quando é que a ata sai? Porque eu como professor(a) tenho prova para corrigir, tenho aluno para orientar, tenho atendimento, não é?! Tenho essas reuniões, então é meio complicado. E é isso, eu não tenho um cálculo, mas eu estimo, não é?! Por exemplo, nós temos 40 horas, das 40 horas que é bom, eu estou 11 ou 12 horas em sala de aula, contando graduação e Pós-Graduação, geralmente, eu disponibilizo a sexta a tarde toda para atender aluno, e tem os outros dias da semana. Certamente, eu faço mais de 40 horas por semana somando tudo.”

Em consonância a Professor(a) Z diz:

“bom tem o tempo de trabalho em casa, não é?! E tem o tempo de trabalho aqui na universidade, então, toda preparação das minhas disciplinas, não é?! Que envolve construção de texto para além do livro que vou, eh, em geral adotar. Tenho essa preocupação, me preocupo com as minhas notas de aula, eh, a preparação dos exercícios, não é?! Tudo isso é feito basicamente em casa, não faço esse tipo de atividade aqui na Rural, porque não tenho tranquilidade aqui para fazer isso, suficiente, não é?! Eh, me considero uma professor(a) bastante acessível, então, recebo na minha sala muitas pessoas, por exemplo, você (risos). E, então, costumo ser uma pessoa até certo ponto atencioso(a). Então, não costumo fazer aqui na Rural qualquer trabalho, eh, seja trabalho de concentração, não consigo, não é?! Então, toda essa parte que exige uma concentração, eu faço em casa, não é?! Aqui na Rural a minha atividade é de lecionação, orientação e atendimento aos alunos basicamente, não é?! Então, toda essa parte de preparação de aula, não é feito aqui, é feito em casa mesmo.”

Como tutora a distância tive problemas com um grupo de alunos que eram excelentes, por causa de avaliação, eles ficaram insatisfeitos com a nota que tinham recebido na participação do fórum da disciplina, e nem se comparava com a nota da tarefa, então, fiz um quadro com todos os itens que eram avaliados na participação do fórum (domínio, interação com os colegas, algo complementar na fala do colega, algo novo sobre o tema, por exemplo), com o nome de cada integrante da turma, deu um trabalho, mas valeu a pena, pois passei a liberar esse quadro junto com a nota de participação do fórum, e fez toda diferença na qualidade da participação dos alunos o acompanhamento do quadro da sua avaliação. Essa turma era muito participativa, trabalhava cerca de 4 horas todos os dias, além do fórum da disciplina, houve um chat temático da disciplina, era tudo muito intenso, trabalhei apenas como bolsista na época, foi temporário. Como professora de matemática no DEMAT, não utilizei nenhum recurso inovativo nas aulas, meu tempo de trabalho incluía o

planejamento do curso, de qual atividade para cada curso de graduação, preparar listas de exercícios, preparar as avaliações, atendimento aos alunos que era sempre no prédio que dava a aula, era muita a procura e acabava atendendo o grupo em qualquer sala disponível, a leitura e estudo da bibliografia para as notas de aula, e lecionar, independente de ter sido bem árduo, as turmas eram cerca de 60 alunos, eram bem diferentes, a troca com os alunos era o melhor, aprendi muita coisa, era tudo bem organizado, e tinha apoio da coordenadora e dos colegas antigos, trabalhei como substituta, foi temporário.

Para encerrar essa análise, ela culmina com o reconhecimento da necessidade de liberdade de criação para professorar especialmente uma formação de professores, entretanto, o uso de recursos inovativos mediante a avidez do neoliberalismo cerceia o processo de construção de conhecimento pelos docentes, os impele a adaptação e submissão aos limites e aos requisitos dos gestores, e exige que ele seja multifuncional ainda o qualificando como eficaz. Notoriamente, uma formação conteudista é paradoxal a prática docente, que envolve todo o espaço social da universidade englobando políticas, movimentos, regras, tempo, histórias, temporalidades, autonomia e tudo isso se consolida e se transforma em conhecimento.

4. Conclusões Parciais

A atualidade é organizada, vivida e o cotidiano permite experienciar uma rotina mediada pelas redes sociais, e todo o advento que a internet permite a comunicação e as relações sociais. Essas transformações são sensíveis no ambiente produtivo, em especial, no contexto da prática docente, na organização e na função do professor mediada pelos recursos inovativos. Portanto, as repercussões e os efeitos da inserção de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na lógica de mais valia do capital são evidentes na intensificação e ampliação das demandas do exercício de professorar.

Apesar disso que foi exposto pelos interlocutores, há uma problemática referente à construção da autonomia política no cotidiano do uso de recursos inovativos na formação de professores de matemática. Foi evidente que não houve nenhuma menção do termo “autonomia política” na narrativa deles, mas uma discussão do

exercício docente, do tempo e do espaço social com o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação. Portanto, todo o advento da internet no aspecto estrutural do PROFMAT ainda mantém a historicidade e a temporalidade desses professores, e o quanto esse espaço social se consolida nos encontros presenciais quando há o debate e a troca de conhecimento. Assim, a história é que fundamenta os caminhos percorridos para a construção da autonomia política, ainda que não tenha sido mencionada por eles, são nas suas relações e nas suas práticas docentes que o contexto histórico aponta as transformações da sociedade do conhecimento. Silva (2016, p.2) reverbera como iminência do meio de ingerência do neoliberalismo nessas transformações alicerçadoras do trabalho docente e também da educação essa contínua reprodução das relações sociais de produção. Nesse entendimento, Ribeiro (2009, p.27) destaca que: “uma das funções dos estudos em torno do pensamento geográfico reside na análise da relação entre o discurso e a prática situados em seu contexto histórico. Todo saber contém, em si, o germe de uma prática que ora o discurso a revela, ora a oculta. É a esse jogo de luz e de sombra que cabe descortinar.”

Ademais, o exercício de professorar é imensurável, o docente semeia e não tem como avaliar o alcance, até onde tocou, o quanto doou e influenciou a vivência discente, deixo como exemplo, um pequeno trecho do texto que me inspirou no título desse trabalho, Benites (2015, p. 40): “A categoria mexer funciona como um equivalente do verbo trabalhar, mas não raro o extrapola para assumir a ideia mais ampla de lidar com algo.” Nesse sentido, o espaço é força produtiva, define as relações de produção, com o uso de recursos inovativos é necessário repensar esse processo de força de trabalho, e de conhecimento como capital que engloba, se generaliza, portanto, o espaço “*mexe*” com todo o processo e com a força de produção.

5. Referências Bibliográficas

MARX, Karl. **O Capital**, livro 1, São Paulo: Abril Cultural, 1983. Ver: cap. V, “Processo de Trabalho e Processo de Valorização” e cap. VIII, “A Jornada de Trabalho”.

LEITE LOPES, José Sergio. **O Vapor do Diabo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, Ler: Introdução, capítulo 1 e 2.

GeoPUC, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 200-217, jul.-dez. 2019

BENITES, Luiz Felipe. Mexendo com a roça: trabalho e movimento no sertão mineiro. *Ruris*, V. 9, n.1, março de 2015.

CIOCCARI, Marta. Entre o campo e a mina: valores e hibridações nas trajetórias de mineiros de carvão no RS. *Revista Mundos do Trabalho*. , v.7, p.75 - 98, 2016.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. São Paulo/Natal: Paulus/ Ed. UFRN, 2010.

SILVA, M.R. Produção e reprodução: uma leitura contemporânea. **Espaço e economia**, n.8, pp-1-4, 2016. BARTHES, Roland. Aula. 15ª ed. São Paulo: Cultrix (2007 [1978]).

DAMIANI, Amélia Luísa (coord.) et. al. **O futuro do trabalho: elementos para a discussão das taxas de mais-valia e de lucro**. São Paulo: AGB/SP. Labor/Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Departamento de Geografia, FFLCH/USP, 2006. 72 p.

LEFEBVRE, Henri. Prefácio – A produção do espaço. **Estudos Avançados (USP)**, vol. 27, n.79, set/dez (2013 [1985]).

HAESBAERT, Rogério. **Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil (2010).

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016 [1970].

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Unesp (2000 [1998]).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portaria nº4059, Art. 1, §1, Brasília, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Indicadores de qualidade para cursos de graduação a distância, Brasília, 2000, p.4).

PROFMAT. Disponível em < <http://www.profmtat-sbm.org.br/>>. Acesso em 08/01/2019.

ARAÚJO, R. M. L.; RODRIGUES, D. S. **Referências sobre práticas formativas em Educação Profissional: o velho travestido de novo ante o efetivamente novo**.

GeoPUC, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 200-217, jul.-dez. 2019

Boletim Técnico do Senac em: <
<http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/download/218/201>> Acesso em
03/02/2017.

BARBROOK, R. **Futuros Imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global.** São Paulo, Peirópolis, 2009.

CAMPOS, F.; et al. **Fundamentos da Educação a Distância, Mídias e Ambientes Virtuais.** Juiz de Fora. Editar, 2007.

CEDERJ. **Guia do aluno.** Disponível em: <
http://graduacao.cederj.edu.br/dds/arquivos/informacoes_academicas/Guia_do_Aluno_2016_PDF___nqpp80lgigywa705012016.pdf> Acesso em 03/09/2016.

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA. Disponível em: < <https://www.cefet-rj.br/>> Acesso em 03/09/2016.

ClAVATTA, M. **A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade.** Disponível em: <
http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN_03/TN3_CIAVATTA.pdf> Acesso em 03/02/2017.

GANDELMAN, M. **Poder e conhecimento na economia global.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, 317p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <
<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em 03/09/2016.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS DA SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <
<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/>> Acesso em 03/09/2016.

LATOUR, Bruno; et al. **O todo é sempre menor que as partes: um teste digital acerca das mônadas de Gabriel Tarde.** Disponível em:<
<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/329/336>>. Acesso em 03/02/2017.

MACIEL, M.L.; ALBAGLI, S. **Informação, conhecimento e poder: mudança tecnológica e inovação social.** Rio de Janeiro: Garamond, 2011, 332p.

MACIEL, M.L.; ALBAGLI, S; ABDO, A. H. **Ciência aberta, questões abertas**. Brasília, IBICT; Rio de Janeiro, UNIRIO, 2015, 312p.

MANIFESTO DAS HUMANIDADES DIGITAIS. Disponível em: <<https://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais/>>. Acesso em 03/02/2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Decreto nº 2.494**, Brasília, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Decreto nº 5.624**, Brasília, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Indicadores de qualidade para cursos de graduação a distância**, Brasília, 2000, p.4.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Portaria nº4059**, Brasília, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Portaria nº 4361**, Brasília, 2004.

MOURA, Dante Henrique. **Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectiva de integração**. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/11/110>> Acesso em 03/02/2017.

NOSELLA, Paolo. Trabalho e perspectivas de formação de trabalhadores: para além da formação politécnica. **Revista Brasileira de Educação**, v.12, n.34 jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a11v12>> Acesso em 03/02/2017.

QGIS 2.8 wien. Sítio oficial. Disponível em: <<http://www.qgis.org>> Acesso em 03/02/2017.

RAMOS, J.A.S., SILVEIRA, C.S, ROIG, H.L. **Desenvolvimento de um algoritmo para a determinação do fluxo e da hierarquia de canais de drenagem**. Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, v.13, n. 2007, 2007. Disponível em: <

SARTÓRIO, L. A. V.; JÚNIOR, J. R. S. **A trajetória do anti-humanismo pragmata na educação brasileira.** Disponível em: < <http://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/08/L%C3%BAcia-V.-SART%C3%93RIO-Tese-Doutorado1.pdf>> Acesso em 03/09/2016.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>> Acesso em 03/02/2017.

SPIRO, Lisa. This Is Why We Fight’: **Defining the Values of the Digital Humanities.** In: Gold, Matthew K. (editor). Debates in the Digital Humanities, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012. Disponível em: <<http://dhdebates.gc.cuny.edu/debates/text/13>>. Acesso em 03/02/2017.

TERRAVIEW 4.1.0 São José dos Campos, SP: INPE, 2010. Disponível em: < www.dpi.inpe.br/terraview > Acesso em 03/09/2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Disponível em: < <http://www.uff.br/>> Acesso em 03/09/2016.

VENTURINI, Tommaso; et al. **Designing Controversies and their Publics.** Disponível em: < http://www.tommasoventurini.it/wp/wp-content/uploads/2014/08/Venturini-etAl_Designing-Controversies-Publics.pdf>. Acesso em 03/02/2017.

WALLERSTEIN, Immanuel. A reestruturação Capitalista e o Sistema Mundial. **Revista Perspectivas.** São Paulo: 20/21 p.249-267, 1997/1998.

OFFE, Claus. **Capitalismo Desorganizado: Transformações Contemporâneas do Trabalho e da Política.** 2.ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994 [1983].

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [2008].

GOMEZ, André Villar; BOTELHO, Maurício Lima. “O fim do Capitalismo Verde”. Sinal de Menos [www.sinaldemenos.org], Ano 10, nº13, 2019.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. Geografia Política e Desenvolvimento Sustentável. **Revista Terra Livre.** Geografia, Política e Cidadania, São Paulo, AGB, nº 11-12, p. 9-76, 1992.

GeoPUC, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 200-217, jul.-dez. 2019

Para bom provedor uma plataforma moodle basta

Debora Gaspar Soares

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. LEI Nº 10.973, Brasília, 2004.

Recebido em 14 fev. 2019;

Aceito em 9 mar. 2019.